



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

RITA FERREIRA GONÇALVES DA SILVA

**QUEM VAI CUIDAR DOS NOSSOS XERIMBABOS? A IMPORTÂNCIA DA
FORMAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES**

AREIA

2025

RITA FERREIRA GONÇALVES DA SILVA

**QUEM VAI CUIDAR DOS NOSSOS XERIMBABOS? A IMPORTÂNCIA DA
FORMAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Coordenação do Curso de
Medicina Veterinária da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em
Medicina Veterinária.

Orientador: Prof.(a) Dr.(a) Abraão Ribeiro
Barbosa.

Coorientador: Prof. (a) Dr. (a) Cauby
Dantas.

AREIA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586q Silva, Rita Ferreira Gonçalves da. cuidar dos nossos xerimbabos? A importância do médico veterinário de animais silvestres Ferreira Gonçalves da Silva. - Areia:UFPB/CCA, 44 f.	Quem vai da formação / Rita 2025.
Orientação: Abraão Ribeiro Barbosa. Coorientação: Cauby Dantas. TCC (Graduação) - UFPB/CCA.	
1. Medicina veterinária. 2. Fauna. 3. Veterinária. 4. Clínica. 5. Cirurgia. I. Barbosa, Abraão Ribeiro. II. Dantas, Cauby. III. Título.	
UFPB/CCA-AREIA	CDU 636.09(02)

RITA FERREIRA GONÇALVES DA SILVA

QUEM VAI CUIDAR DOS NOSSOS XERIMBABOS? A IMPORTÂNCIA DA
FORMAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES

Trabalho de Conclusão de Curso ou Tese
ou Dissertação apresentada à
Coordenação do Curso de Medicina
Veterinária da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Medicina
Veterinária.

Aprovado em: 30/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ABRAÃO RIBEIRO BARBOSA

Data: 05/11/2024 09:32:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Abraão Ribeiro Barbosa (Orientador)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente



GENESES DA SILVA FERREIRA

Data: 07/11/2024 21:24:51-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Geneses da Silva Ferreira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente



PEDRO SANTOS INOJOSA

Data: 08/11/2024 08:53:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Médico Veterinário Pedro Santos Inojosa

SELVA Veterinária

Aos meus pais, minha irmã, DEDICO.

Aos meus xerimbabos.

Para Jojo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria, uma mulher guerreira que teve que sair da sua terra por causa da falta de oportunidades, preconceito e situação financeira dos seus.

Ao meu pai João, que também teve que buscar novas oportunidades longe da sua terra natal. Me ensinou a amar os xerimbabos. Por você e por minha mãe, honrarei minha ancestralidade. Aqui estou.

À minha irmã Inês, minha grande amiga.

À minha filha Joana. Uma amante dos xerimbabos. É por ela que decidi mudar de profissão. Quero dar uma vida melhor para ela. Minha “indiazinha”.

Aos amigos que fiz na UFPB. Dona Irene e Milagres, obrigada pela força.

Aos meus xerimbabos.

“Toda a criança gosta de ter o seu xerimbabo.” **(Raquel de Queiroz)**

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo o levantamento de informações acerca da formação do médico veterinário de animais silvestres no Estado da Paraíba. Para desenvolver este trabalho foram realizadas visitas para locais que atuam com o atendimento de animais silvestres fora do estado (Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo), bem como realizadas vivências em alguns desses locais, juntamente com uma revisão de literatura sobre a construção do currículo do Curso de Medicina Veterinária e como o atual currículo afeta negativamente a formação do médico veterinário de animais silvestres. A partir do cenário observado foram elaboradas sugestões para ajudar o graduando de veterinária paraibano - que queira trabalhar com animais silvestres - na sua formação teórica básica, capacitação e empregabilidade.

Palavras-Chave: fauna; veterinária; clínica; cirurgia.

ABSTRACT

The present study aimed to gather information about the training of veterinarians for wild animals in the State of Paraíba. In order to develop this work, visits were made to places that work with the care of wild animals outside the state (Rio de Janeiro, Espírito Santo and São Paulo), as well as experiences in some of these places, together with a literature review on the construction of the curriculum of the Veterinary Medicine Course and how the current curriculum negatively affects the training of veterinarians for wild animals. Based on the observed scenario, suggestions were made to help veterinary undergraduates from Paraíba - who want to work with wild animals - in their basic theoretical training, training and employability.

Keywords: fauna; veterinary; clinic; surgery.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Disciplinas sobre animais silvestres ofertadas por instituições 27	27
paraibanas até 2024	
Quadro 2 – Locais para estagiar e trabalhar com animais silvestres 34	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASAS	Área de Soltura de Animais Silvestres
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CETAS	Centro de Triagem de Animais Silvestres
CRAS	Centro de Reabilitação de Animais Silvestres
CRASUNESA	Centro de Reabilitação de Animais Silvestres da Universidade Estácio de Sá
FACENE	Faculdade de Enfermagem Nova Esperança
FIP	Faculdade Integrada de Patos
FUNBIO	Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
GEAS	Grupo de Estudo de em Animais Silvestres
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
INPACT	Instituto de Pesquisa e Ação
MPF/RJ	Ministério Público Federal no Rio de Janeiro
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNIESP	Instituto de Educação Superior da Paraíba
UNIFACISA	Centro Universitário FACISA
UNINASSAU	Universidade Maurício de Nassau
UNIPÊ	Centro Universitário de João Pessoa
UNIVAP	Universidade do Vale do Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 OS ANIMAIS DE PINDORAMA: DA ILHA DE VERA CRUZ À BRASIL	13
2.2 A CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR: OS IMPACTOS NO ECOSISTEMA E A CHEGADA DE NOVOS ANIMAIS.....	15
2.3 O CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA: ONTEM E HOJE.....	17
3 METODOLOGIA.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1 FORMAÇÃO E BASE TEÓRICA: AS ATUAIS OPORTUNIDADES PARA ESTUDANTES.	26
4.2 CAPACITAÇÃO: AS OPORTUNIDADES DE ESTÁGIOS NO ESTADO DA PARAÍBA. .	28
4.2.1 Centros de reabilitação e áreas de soltura de animais silvestres: da necessidade na paraíba às oportunidades de estágio.	30
4.2.2 Hospitais Veterinários privados para animais silvestres: uma realidade possível?	33
4.3. EMPREGO: EXISTE MERCADO PARA O MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES?.....	34
4.4 SUGESTÕES PARA MELHORAR A FORMAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO	40
5 CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

“Xerimbabo” é um termo de origem tupi que significa “coisa muito querida”. Essa palavra é utilizada pelos povos originários para se referir aos animais de estimação - animais estes que vão muito além dos cães e gatos domésticos que chegaram ao Brasil pelo processo de colonização europeia que começou no início do século XVI.

Além de cães e gatos domésticos, os portugueses também introduziram os bovinos, suínos e aves para produção e consumo no território brasileiro. A dimensão continental e os recursos naturais aqui presentes facilitaram o desenvolvimento da pecuária e fizeram com que, já no início do século XX, o Brasil se tornasse importante exportador de produtos de origem animal. Tal situação favoreceu a implementação de instituições voltadas à Ciência Veterinária no país.

Desde 1910, quando foram fundadas as duas primeiras escolas de Medicina Veterinária, ambas no estado do Rio de Janeiro, a formação do médico veterinário tem-se voltado quase que exclusivamente para os animais de produção e, mais recentemente, para os cães e gatos.

O conjunto de espécies que habitavam o território brasileiro em 1500 foi perdendo espaço para a urbanização e para o agronegócio. Nosso país tem uma fauna com variedades que não existem em nenhum outro lugar do mundo. Diariamente vemos espécies da nossa fauna serem acometidas por atropelamentos, choques elétricos, outros acidentes e doenças que requerem cuidados intensivos e imediatos. Contudo, a Medicina Veterinária Brasileira ainda está pouco preparada para cuidar dos animais originários do próprio território em que atua.

Se considerarmos os animais dos biomas mais próximos da abrangência das universidades públicas atuantes no Estado da Paraíba (Mata Atlântica e Caatinga), observamos que é quase inexistente a atuação de médicos veterinários especialistas na clínica, anestesia e cirurgia dos mesmos, pois nenhuma dessas universidades atua de forma eficaz e eficiente na formação desses profissionais. Não há locais de estágios nem disciplinas suficientes no currículo da graduação que possam ajudar nesse aprendizado.

Em contrapartida surge um aumento da conscientização popular no cuidado e proteção da fauna brasileira. As comunidades tradicionais já possuem uma relação de convívio com diversas espécies de animais, mas encontram dificuldades quando precisam de atendimento para eles.

Diante dessa problemática, é urgente pensar em soluções para que o graduando em Medicina Veterinária que deseje atuar na área de animais silvestres tenha, dentro do Estado da Paraíba, a oportunidade de aprender sobre clínica, anestesia e cirurgia de animais silvestres, para bem contribuir com o futuro dos nossos “xerimbabos” – os animais queridos da nossa terra.

2 REVISÃO DE LITERATURA

É difícil imaginar que ao mesmo tempo em que o Brasil possui uma vasta variedade de espécies em sua fauna - muitas delas em médio e alto risco de extinção - temos também uma grade curricular no Curso de Medicina Veterinária totalmente distante dos cuidados para com esses animais.

A justificativa para uma graduação voltada quase que exclusivamente para os animais de produção e animais domésticos não nativos pode ser encontrada na compreensão do processo de colonização do território brasileiro.

Os animais nativos como, por exemplo, a capivara, o tatu, o gato do mato e o primata guigó da caatinga, foram, ao longo de cinco séculos, sendo substituídos pelos animais vindos da Europa que, inicialmente, eram utilizados para auxiliar nas atividades de cultivo da cana de açúcar bem como para introduzir pecuária de subsistência. As espécies que ainda sobreviveram, tiveram seus espaços reduzidos pela extração de pau brasil e pela cultura da cana de açúcar, dentre outras culturas. O tráfico de animais também contribuiu bastante para a redução do número de indivíduos da nossa fauna. A pecuária que se instalou no interior brasileiro só piorou ainda mais essa situação.

Através dessa revisão de literatura, busca-se traçar uma relação entre o processo de colonização do território brasileiro e seu impacto na grade curricular do Curso de Medicina Veterinária, tentando compreender os fatores que levaram à elaboração de Projetos Políticos Pedagógicos mais voltados aos animais de produção e pets convencionais e não convencionais, com pouco impacto na formação voltada para os animais silvestres da fauna brasileira.

Para este trabalho, iremos nos deter ao processo colonizador que se instalou na costa brasileira, dando ênfase à Região Nordeste para que, como objetivo final, possamos analisar o que sobrou da fauna dessa região, mais especificamente do Estado da Paraíba, e, por fim, investigarmos quais seriam as possibilidades de atuação do estudante de Medicina Veterinária que pretende trabalhar com os animais da fauna local.

2.1. OS ANIMAIS DE PINDORAMA: DA ILHA DE VERA CRUZ À BRASIL

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil, os indígenas mantinham uma relação com os animais baseada em três situações, de acordo com suas necessidades físicas e culturais: a tapiragem, a caça e a manutenção de xerimbabos. Com a tapiragem obtinham penas para seus adornos e usavam a caça para se alimentar (Zamoner, 2018).

Os xerimbabos consistem em animais da fauna silvestre mantidos como animais de estimação pelos povos originários (Erikson, 2013). O termo tem origem no Tupi-guarani *xe-r-emimbawa* e significa “meu animal familiar” (Fausto, 1999).

Os europeus que chegaram às Américas ficaram tanto impressionados com a beleza das matas como com a relação dos nativos com os animais que viviam nelas.

Quem visita uma aldeia selvagem visita quase que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldeia; araras, papagaios de todos os tamanhos e cores, macacos de diversas espécies, porcos, quatis, mutuns, veados, avestruzes, seriemas e até sucurijus, jiboias e jacarés ou já tenho visto nestas aldeias onde são alimentados pelos selvagens com acurada paciência. O xerimbabo do índio (o animal que ele cria) é quase uma pessoa de sua família. Tudo isto concorre para indicar que, se a família selvagem do Brasil não havia domesticado uma só espécie, não era por aversão à arte de domesticar, e, sim, por outra causa. (MAGALHÃES, 1876, p.33).

Ao vislumbrar uma floresta com uma infinita variedade de insetos, pássaros, anfíbios, répteis e mamíferos, o navegador italiano Américo Vespúcio assim descreveu o território que - após sua chegada - levaria seu nome:

Certamente, se o paraíso terrestre estiver em alguma parte da terra, creio não estar longe daquelas regiões, cuja localização como disse, é para meridiano, em tão temperado ar que ali nunca há invernos gelados nem verões férvidos (VESPÚCIO, 2021).

Também encantado com a exuberância dessa floresta, Pero Vaz de Caminha (1500) não se demorou em comunicar ao Rei de Portugal sobre a aparente fertilidade do solo: “nesta terra, em se plantando tudo dá” (BRASIL, [s.d]). A partir da sua chegada, e dos seus relatos, Caminha abriu precedentes para a fundação do discurso

sobre o potencial agrícola brasileiro. Contudo, Freyre (2003) mostra que nem tudo era como pregava o escrivão português.

Tudo era aqui desequilíbrio. Grandes excessos e grandes deficiências, as da nova terra. O solo, excetuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nele tudo o que se quisesse, do entusiasmo do primeiro cronista. Em grande parte rebelde, à disciplina agrícola. Áspero, intratável, impermeável. Os rios, outros inimigos da regularidade do esforço agrícola e da estabilidade da vida de família. Enchentes mortíferas e secas esterilizantes - tal o regime de suas águas. E pelas terras e matagais de tão difícil cultura como pelos rios quase impossíveis de serem aproveitados economicamente na lavoura, na indústria ou no transporte regular de produtos agrícolas - viveiros de larvas, multidões de insetos e de vermes nocivos ao homem. (FREYRE, 2003).

Foi assim que a Mata Atlântica começou a desaparecer. Dean (1996) lembra que “um dos primeiros atos dos portugueses que alcançaram a costa brasileira no dia 22 de abril de 1500 foi abater uma árvore para montar a cruz da primeira missa”. E foram os indígenas, povos originários da “recém-descoberta” terra – os quais sempre preservaram a floresta - que, paradoxalmente, ajudaram os portugueses e demais europeus a dar início ao desaparecimento das espécies da fauna costeira.

Tal fato pode ser explicado pela curiosidade que os indígenas tiveram ao ver que os europeus utilizavam ferramentas muito úteis na lida diária.

A presteza com que os tupis se engajaram no escambo com os europeus foi motivada em grande parte pelo desejo de poupar trabalho, expandir sua base de subsistência, e evitar alguns dos perigos da floresta. As facas e machados de aço dos europeus eram ferramentas que reduziam em muito o seu trabalho, porque eliminavam a faina extenuante de lascar pedra e lavar madeira, e encurtavam em cerca de oito vezes o tempo gasto para derrubar árvores e esculpir canoas. Além disso, anzóis de ferro inauguravam uma nova maneira de explorar os recursos alimentícios dos estuários. É difícil imaginar o quanto deve ter sido gratificante seu súbito ingresso na idade de ferro, o quanto isso foi transformador de sua cultura e o quanto foi destrutivo para a floresta. (DEAN, 1996, p. 65).

Foi então que os povos originários que habitavam a região da costa brasileira, envolvidos por esse sentimento de gratidão por obter novas ferramentas, se prontificaram a capturar animais vivos e peles para seus hóspedes. Enquanto a flora brasileira estava sendo atacada com a derrubada da mata para obtenção da madeira

do pau brasil, a fauna seguia o mesmo destino servindo à ganância dos insaciáveis exploradores portugueses:

Além da madeira corante, o manifesto de carga do *Bretoa* em 1511 registra 23 periquitos, dezesseis felinos, dezenove macacos, e quinze papagaios; o de 1532, do navio *Pélérine*, 3 mil peles “de leopardos etc.”, trezentos macacos e seiscentos papagaios. (DEAN, 1996, p.66).

Logo, ao analisarmos os primeiros cem anos da colonização brasileira, podemos concluir que a Mata Atlântica sofreu um verdadeiro “faunocídio” e “floricídio”, para posteriormente sofrer aos poucos com o genocídio dos povos originários que, ao acolher os portugueses, ofertando tudo que tinham em suas terras, acabaram por contribuir com a destruição do seu próprio território. A cana de açúcar e a atividade pecuária iriam continuar o processo de degradação dessa região. A pecuária foi responsável pela introdução de novos animais no Brasil, e essa atividade, junto com a agricultura também vai ser responsável pelo início do crescimento populacional brasileiro. Dentre os animais introduzidos na colônia, alguns serão tomados como “animais de companhia”, sendo os mais comuns o cão e o gato, que acabam por fazer parte do cotidiano da nova sociedade aqui emergente.

2.2 A CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR: OS IMPACTOS NO ECOSISTEMA E A CHEGADA DE NOVOS ANIMAIS.

Em sua obra *Nordeste*, Freyre (2013) nos mostra o quanto a cultura da cana aristocratizou o branco e degradou o indígena e o negro. O mesmo paralelo pode ser traçado em relação aos animais trazidos da Europa e os animais da terra. Para o autor, o cavalo e o boi são os animais ícones do progresso emergente pelo avanço da economia açucareira:

Nesse sistema de relações que dividiu os homens e as suas habitações e a própria paisagem, em metades tão diferentes e até antagônicas, pode-se dizer, para efeito de generalização, que o cavalo ficou no primeiro e o boi no segundo grupo. E estes foram os dois grandes animais da civilização da cana de açúcar no Nordeste do Brasil. (FREYRE, 2013).

Por outro lado, o avanço da monocultura foi degradando as matas e destruindo gradativamente todo o ecossistema ali existente. Os animais da fauna eram vistos como “empecilhos” aos novos moradores da região.

Contra a raposa e o guará, o homem do canavial recorreu à “espera”; ao veneno na banana, para a raposa; ao veneno no peixe, para o guará. E a caça se juntou à queimada, para a destruição de quanto animal do mato teve a afoiteza de querer resistir ao avanço civilizador da cana; o sonho de poder viver em paz com os novos donos da terra. Pacas, cutias, tatus, capivaras, tamanduás, onças, gatos-do-mato, tudo foi ficando raro, à proporção que o mato grosso foi desaparecendo para a cana imperar sozinha. (FREYRE, 2013).

E no meio termo do surgimento de novos animais e desaparecimento de outros na cultura local, o cão e o gato foram se inserindo na sociedade brasileira.

Também o cachorro e o gato tornaram-se animais a serviço do avanço civilizador da cana-de-açúcar, em oposição ou antagonismo aos animais da mata. Principalmente o cachorro, companheiro do caçador e vigia do terreiro da casa-grande; sempre na tocaia de algum bicho do mato mais atrevido que aparecesse para os lados da casa de engenho, querendo beber mel, comer galinhas, roubar pinto. [...] O gato foi útil às casas de engenho, pela perseguição aos ratos, tão perigosos às civilizações do açúcar, grande como tende a ser a sua proliferação no azedo das bagaceiras e dos trapiches. (FREYRE, 2013).

Então, vimos que, ao longo dos cinco séculos de colonização, o cavalo, o boi, o porco, a besta, o carneiro, a cabra, o cão e o gato, todos importados, foram ganhando importância no cotidiano brasileiro e esse fator foi determinante no processo de elaboração curricular dos primeiros cursos de Medicina Veterinária do país, como veremos a seguir.

2.3 O CURRÍCULO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA: ONTEM E HOJE.

Apenas três séculos após o início da colonização começaram a surgir os primeiros cursos superiores em Ciências Agrárias no Brasil. O pioneiro foi instituído na Bahia em 1877, na Escola Superior de São Bento das Lajes. A partir deste, outros cursos agrários a nível primário e secundário foram criados (Capdeville, 2019).

Mas foi apenas em 1910 que foi criado o primeiro curso de Medicina Veterinária do país – a Escola de Veterinária do Exército – que iniciou suas atividades no ano de 1914. Em 1911 surge também, no Mosteiro de São Bento em Olinda, uma escola destinada ao ensino superior de Agricultura e Veterinária (Hatschbach, 1993). Logo, outros estados como Paraná, São Paulo e Minas Gerais iriam criar novas escolas para o ensino da Medicina Veterinária.

De 1910 até a atualidade, o currículo da graduação em Veterinária sofreu diversas modificações, sempre buscando atender a demanda profissional do mercado. Essa demanda inicialmente estava pautada nas Ciências Agrárias, mas também priorizava as Ciências da Saúde, visto que um forte surto de mormo foi um dos “pontapés” iniciais para a criação de uma Escola Superior de Veterinária no país. O curso inicialmente era realizado em cinco anos, sendo o primeiro ano para aprendizagem de cadeiras fundamentais e, os demais, para disciplinas específicas.

Art. 12. O curso fundamental do medicos veterinarios será de um anno, dividido em semestres, e comprehenderá as seguintes cadeiras e aula de desenho:

1ª cadeira - Physica experimental. Meteorologia e climatologia, principalmente do Brazil.

2ª cadeira - Chimica geral inorganica. Analyse chimica.

3ª cadeira - Botanica. Morphologia. Physiologia vegetal.

4ª cadeira - Zoologia geral e systematica.

5ª cadeira - Noções de chimica organica.

Aula - Desenho a mão livre e geometrico.

DO CURSO ESPECIAL DE MEDICOS VETERINARIOS

Art. 13. O curso especial de medicos veterinarios será de quatro annos, divididos em semestres e constará das seguintes cadeiras:

Primeiro anno

1ª cadeira - Physica e chimica biologicas.

2ª cadeira - Anatomia comparada, principalmente dos pequenos animaes domesticos. Systematica.

3ª cadeira - Anatomia descriptiva do boi e do cavallo. Dissecção.

4ª cadeira - Histologia e embryologia.

Segundo anno

- 1ª cadeira - *Physiologia*.
 2ª cadeira - *Anatomia e physiologia pathologicas*.
 3ª cadeira - *Therapeutica. Dietetica. Pharmacologia. Pharmacognesia. Toxicologia*.
 4ª cadeira - *Parasitologia e molestias parasitarias*.
Terceiro anno
 1ª cadeira - *Microbiologia e molestias infecciosas*.
 2ª cadeira - *Pathologia, propedeutica. Clinica medica dos grandes animaes. Polyclinica*.
 3ª cadeira - *Pathologia, propedeutica. Clinica medica dos pequenos animaes. Polyclinica*.
 4ª cadeira - *Pathologia, propedeutica. Clinica cirurgica. Medecina operatoria experimental. Molestias do pé do cavallo. Ferradura*.
Quarto anno
 1ª cadeira - *Obstetricia. Clinica obstetrica*.
 2ª cadeira - *Exame dos generos alimenticios de origem animal. Microscopia applicada. Fiscalização sanitaria das carnes e dos matadouros*.
 3ª cadeira - *Hygiene epidemiologica. Policia sanitaria e medicina legal veterinaria*.
 4ª cadeira - *Zootechnia geral e especial*.¹ (BRASIL, 1910).

Atualmente, o documento que rege o currículo é a resolução Nº 3 de 15 agosto de 2019 que “institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária e dá outras providências” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019). Entre tais providências, estabelece que o Curso de Medicina Veterinária deve construir suas ações pedagógicas tendo como princípios o respeito ao bem-estar animal, à sustentabilidade ambiental, à observância da ética e o atendimento às expectativas humanas e sociais.

Art. 5º O Curso de Graduação em Medicina Veterinária tem como perfil do formando egresso/profissional o Médico Veterinário, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, apto a compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidades, com relação às atividades inerentes ao exercício profissional, no âmbito de seus campos específicos de atuação em saúde animal, saúde pública e saúde ambiental; clínica veterinária; medicina veterinária preventiva; inspeção e tecnologia de produtos de origem. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019).

Nesse último documento, podemos observar que, em seu Artigo 7º, inciso VI, temos uma breve menção ao trabalho com animais selvagens.

Art. 7º O Curso de Graduação em Medicina Veterinária deve assegurar, também, a formação de profissional em suas áreas de atuação: saúde animal,

¹ Mantida escrita original.

saúde pública e saúde ambiental; clínica veterinária; medicina veterinária preventiva; inspeção e tecnologia de produtos de origem animal; zootecnia, produção e reprodução animal, com competências e habilidades específicas para:

[...]

VI – Planejar, elaborar, executar, avaliar e gerenciar projetos e programas de proteção ao meio ambiente e dos animais selvagens, bem como de manejo e tratamento de resíduos ambientais, participando também de equipes multidisciplinares. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019, p.3).

E, ao tratar da grade curricular em seu artigo 8º, o documento menciona a necessidade de incluir conteúdos zootécnicos e de produção animal para animais selvagens e aquáticos, bem como a necessidade de clínica, cirurgia e anestesia para as mais diferentes espécies.

Art. 8º Os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Medicina Veterinária devem levar em conta a formação generalista do profissional. Os conteúdos devem contemplar:

[...]

III – Ciências da Medicina Veterinária: incluem-se os conteúdos teóricos e práticos relacionados com saúde-doença, produção animal, sustentabilidade e bem-estar animal com ênfase nas áreas de saúde animal, clínicas médica e cirúrgica veterinárias, medicina veterinária legal, medicina veterinária preventiva, saúde pública, zootecnia, produção e reprodução animal e inspeção e tecnologia de produtos de origem animal, contemplando a abordagem teórica e prática dos conteúdos a seguir: a) Zootecnia e Produção Animal: envolvendo sistemas de criação, manejo, nutrição, biotécnicas da reprodução com foco na sustentabilidade econômica, social e ambiental, incluindo agronegócio, animais de experimentação, selvagens e aquáticos.

[...]

c) Clínica Veterinária: incorporando conhecimentos de clínica, cirurgia, anestesiologia, patologia diagnóstica (intervenções anatomopatológicas, patologia clínica), diagnóstico por imagem e fisiopatologia da reprodução, visando a determinação da etiopatogenia, do diagnóstico e dos tratamentos médicos clínico ou cirúrgico de enfermidades de diversas naturezas nas diferentes espécies animais. (*Idem*).

Apesar de apontar que o curso deva proporcionar ao estudante de Medicina Veterinária a oportunidade de conhecer a clínica, anestesia e cirurgia de diferentes espécies animais, só obriga as instituições a possuírem infraestrutura mínima para animais de produção e companhia.

Art. 20. O Curso de Graduação em Medicina Veterinária deverá contar minimamente com a infraestrutura laboratorial e hospital/clínica veterinária próprios, para atendimento de animais de produção e de companhia. Parágrafo único. A fazenda de ensino, que poderá ser própria ou conveniada, deverá utilizar modernas tecnologias de produção, abrangendo todas as etapas de produção nas seguintes áreas essenciais de formação do profissional: bovinocultura de corte e leite, avicultura, suinocultura, equideocultura, ovino/caprinocultura, piscicultura. Os demais cenários de aprendizagem também poderão ser viabilizados por meio de convênios. (*Ibidem*).

Podemos concluir que, apesar de citar que o curso de Medicina Veterinária tenha como um dos princípios a educação para a saúde ambiental, a sua grade curricular é quase que totalmente voltada para as Ciências Agrárias e Ciências da Saúde (humana). Não há elementos no documento que obriguem as instituições a ofertarem clínica, cirurgia e anestesia dos animais silvestres, sendo esse aprendizado entendido como “extracurricular” ou “complementar”.

Diante do exposto, não há outra alternativa para o discente em Medicina Veterinária que pretende seguir profissionalmente na área de animais silvestres senão buscar tal conhecimento em outros programas dentro da universidade ou migrar para fora da mesma em busca de tal formação.

Em se tratando do Estado da Paraíba, poucas opções restam a esses estudantes: há apenas um programa de extensão na UFPB (Universidade Federal da Paraíba) que abrange a clínica de silvestres, com rotina ainda em ascensão para cirurgia e anestesia. Não abre continuamente Estágio Supervisionado para Clínica e Cirurgia de Animais Silvestres.

Fora da instituição – porém ainda dentro do Estado - o cenário é ainda pior: o zoológico da Prefeitura de João Pessoa não possui equipe habilitada em cirurgia de animais silvestres, dependendo quase que rotineiramente do Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ou de deslocamento de seus profissionais e residentes para o zoológico.

Há ainda o Zoológico Répteis da Caatinga que apenas trabalha com educação ambiental e, apesar de conveniado com a UFPB para o Curso de Medicina Veterinária, não pode agregar conhecimentos clínicos, pois não possui ambulatório veterinário

para atender os animais, também dependendo exclusivamente do atendimento do Hospital Veterinário da UFPB.

Em um cenário ideal, teríamos o CETAS (Centro de Triagem de Animais Silvestres) em Cabedelo, vinculado ao IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), ofertando um local onde fossem realizadas cirurgias para os animais resgatados que assim necessitassem. Contudo, a instituição só trabalha com projetos específicos e não possui convênio com a UFPB.

Não foram encontradas Clínicas ou Hospitais Veterinários particulares que atendam animais silvestres e tenham convênio com a UFPB no sistema de estágios Sigaa. Esses problemas serão discutidos mais à frente, no tópico reservado para os “Resultados” e “Discussões”.

Portanto, vimos através dessa revisão de literatura que a Medicina Veterinária brasileira não está sendo capaz de minimizar os efeitos de cinco séculos de destruição da nossa fauna. Nossos animais locais carecem de profissionais habilitados para cuidá-los. Os profissionais veterinários que desejam trabalhar com as espécies da fauna local devem procurar centros de pós-graduação na área, ou cursos livres, que em sua maioria estão no eixo Rio – São Paulo.

Tentando encontrar um caminho para melhorar esse cenário, o presente trabalho partiu em busca de soluções, tomando como referência exemplos de instituições públicas ou privadas brasileiras que atuam com a Medicina de Animais Silvestres.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho terá uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada com objetivo exploratório. A pesquisa de campo e o levantamento de dados serão utilizados para se atingir o objetivo final: como melhorar a oferta de ensino-aprendizagem em clínica, cirurgia e anestesia de animais silvestres no Estado da Paraíba.

A pesquisa de campo consistiu na visita a três estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. O objetivo de tais visitas foi vivenciar as oportunidades de estágios na área de clínica, cirurgia e anestesia de animais silvestres, bem como entrevistar alguns graduandos de diversas instituições que ofertam o Curso de Medicina Veterinária e que pretendem atuar com animais silvestres. Também tem como objetivo conhecer diversos profissionais atuantes na área, escutar suas experiências, dificuldades e sugestões. Esse levantamento de campo visa buscar soluções que possam ser implantadas no Estado da Paraíba a fim de aumentar as oportunidades de estágios em silvestres para graduandos em Medicina Veterinária das instituições paraibanas. A pesquisa de campo também foi realizada na Paraíba com o propósito de conhecer os locais com oportunidades de estágio para alunos que pretendem trabalhar com animais silvestres, tendo seu início em agosto de 2022 e término em setembro de 2024.

No Rio de Janeiro as visitas ocorreram em dois momentos: janeiro de 2024 e maio do mesmo ano. Em janeiro de 2024 foram visitados três locais que trabalham com animais silvestres, selvagens e exóticos e que fornecem oportunidades de estágio para alunos da Medicina Veterinária. São eles: Associação Mico Leão Dourado, no município de Silva Jardim; Bio Parque do Rio, Zoológico que fica na cidade do Rio de Janeiro; Hospital Birds & Cia, hospital veterinário especializado em animais silvestres e exóticos, também localizado na capital. Em maio, foi realizado um estágio vivência de 90 horas em cirurgia, anestesia e internamento de animais silvestres e pets não convencionais no Hospital Birds & Cia. Na ocasião, foram entrevistados, informalmente, alunos e profissionais da área, enquanto se vivenciava a rotina no hospital veterinário especialista em animais silvestres. Tanto os profissionais formados quanto os alunos estagiários das mais diversas instituições, informaram que no estado existem muitas oportunidades para aprender clínica,

cirurgia e anestesia de animais silvestres. Acrescentaram que o setor privado tem se mostrado muito promissor nessa área, e que, graças às parcerias público-privadas, houve o aumento de hospitais veterinários no modelo CRAS (Centro de Reabilitação de Animais Silvestres), ampliando o atendimento dos animais resgatados e a oportunidade de estágios e trabalho na área da veterinária.

No Hospital Birds & Cia foi possível vivenciar uma outra importante prática que ajudou a nortear as sugestões que o presente trabalho propõe para a melhoria da formação do Médico Veterinário de animais silvestres: investimento em treinamentos. A empresa sempre convida profissionais experientes em Medicina de Silvestres e organiza cursos, com oportunidade de vagas tanto para estagiários e profissionais da casa, como para o público externo. Com essa prática, o hospital consegue manter seus profissionais mais capacitados e atualizados, com repercussão positiva para o atendimento aos animais silvestres, sejam resgatados ou mantidos como pets não convencionais.

Ainda em maio de 2024, um outro local de interesse foi visitado: o AquaRio – Aquário Marinho do Rio – situado no bairro da Gamboa, zona central da capital do Estado do Rio de Janeiro. O local recebe estagiários de diversas áreas, incluindo Medicina Veterinária. Além da clínica de animais marinhos, profissionais e estudantes têm a oportunidade de trabalhar com anestesia e cirurgia dos animais que ali vivem.

O segundo estado visitado foi São Paulo, com o objetivo de conhecer veterinários especializados em anestesia de animais silvestres. O local visitado foi Campinas, sede do grupo Tiva Vet, grupo formado por veterinários que atuam exclusivamente com anestesia. Nos dias 30 e 31 de março de 2024, a empresa Tiva Vet reuniu no Hospital Veterinário Steverson um grupo de 20 veterinários de vários estados brasileiros para um treinamento em anestesia de animais silvestres e pets não convencionais. Na ocasião, vários médicos veterinários relataram as dificuldades que encontram para atender a demanda com animais silvestres, dado que a formação universitária não contempla esses animais. E mencionaram, também, que maior ainda é a dificuldade em encontrar profissionais especialistas em anestesia de silvestres. Lá se encontravam não somente anestesistas de cães e gatos, e até de grandes animais, como também clínicos ou cirurgiões que, pela dificuldade em encontrar anestesistas na área, foram aprender algumas técnicas para utilizarem em suas rotinas com

silvestres. Vários grupos de estudos e troca de experiências surgiram a partir dessas reuniões.

O terceiro estado visitado foi o Espírito Santo, nos dias 15, 16, 17 e 18 de agosto de 2024. A visita ocorreu nesses dias em decorrência da realização do I Congresso SilvestrES, organizado pelo Hospital SilvestrES, localizado em Vila Velha. O hospital é o primeiro no Brasil voltado para o atendimento exclusivo de animais silvestres, exóticos e pets não convencionais.

Na ocasião foi observado que, atualmente, o graduando de Medicina Veterinária do estado que queira trabalhar com animais silvestres conta, dentro do seu estado, com muitas oportunidades, tanto na formação básica quanto na prática, para aprender e se especializar na área. O estado possui, além de um hospital privado exclusivo para animais silvestres, muitas clínicas com profissionais que são experientes na clínica, cirurgia e anestesia de animais da fauna brasileira, além de projetos de conservação e centros de reabilitação e triagens, somando muitas oportunidades de estágios e empregos para o médico veterinário de animais silvestres.

As visitas nortearam a construção de um “tripé” orientador para a busca de soluções, visando a melhoria da formação em Medicina de Animais Silvestres dos estudantes de Medicina Veterinária do Estado da Paraíba: formação, estágio e emprego. Dessa forma, procurou-se investigar o que as instituições paraibanas ofertam dentro desse tripé e, diante dos resultados coletados, foi elaborado uma lista de sugestões para aumentar o nível de formação, capacitação e empregabilidade do estudante de medicina veterinária de animais silvestres.

Partindo para o levantamento de dados, buscou-se informações sobre as grades curriculares das instituições que ofertam Graduação em Medicina Veterinária. Foram avaliados os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) de Graduação das seguintes instituições: UFPB, UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), IFPB (Instituto Federal de Paraíba), UNINASSAU (Universidade Maurício de Nassau), UNIPÊ (Centro Universitário de João Pessoa), FACENE (Faculdade de Enfermagem Nova Esperança), FIP (Faculdade Integrada de Patos), Rebouças, UNIESP e UNIFACISA. Foi investigado quais disciplinas possuem ementas com conteúdo

voltados para animais silvestres, com o intuito de avaliar quantos por cento dos cursos possuem esse viés.

A partir dos dados obtidos pela pesquisa de campo - que teve como objetivo conhecer as oportunidades de estágio e trabalho para o médico veterinário de silvestres - e pelo levantamento das informações acerca dos currículos das instituições que formam futuros médicos veterinários, serão apontados os problemas encontrados pelo graduando em medicina veterinária que queira atuar com clínica, cirurgia e anestesia de animais silvestres, bem como, também, serão sugeridas as possíveis soluções para sanar a carência no ensino sistematizado de Medicina de Animais Silvestres no estado da Paraíba.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a metodologia proposta pelo “tripé” de problemas e soluções – formação, estágio e emprego – serão abordadas aqui as opções disponíveis no Estado da Paraíba que contribuem com a formação teórica, a capacitação técnica e a empregabilidade na área de Medicina de Animais Silvestres. Em seguida, serão apresentadas as possíveis soluções para melhoria do cenário abordado anteriormente.

4.1 FORMAÇÃO E BASE TEÓRICA: AS ATUAIS OPORTUNIDADES PARA ESTUDANTES.

Para formar com qualidade um veterinário especialista em animais silvestres, se faz necessário que este tenha uma bagagem de conhecimentos teóricos e práticos. A graduação em Medicina Veterinária, como visto em revisão de literatura, possui sua base curricular voltada para clínica e cirurgia de cães, gatos e animais de produção. Também dedica boa parte da sua carga horária para a área de saúde pública, visando o bem-estar do homem.

A base teórica em Medicina de Animais Silvestres deve proporcionar aos estudantes conhecimentos relativos ao manejo, à clínica, a noções de cirurgia e anestesia, bem como instruir o graduando a aprender sobre atendimento e administração dos locais onde esses animais serão atendidos. Isso requer a reserva de uma carga horária significativa, que não está incluída dentro dos dez semestres de curso.

Ao analisar a grade curricular das instituições que ofertam o Curso de Medicina Veterinária na Paraíba foi constatado que todas as instituições públicas do estado só ofertam disciplinas optativas voltadas aos animais silvestres. A UFPB, contudo, direciona boa parte da disciplina Patologia Aviária para a clínica de aves silvestres.

Com exceção da FIP e UNIFACISA, todas as instituições particulares ofertam uma disciplina voltada para os animais silvestres dentro da grade curricular. A instituição Rebouças, no entanto, tem a disciplina mais voltada para a clínica de pets

não convencionais. A relação total das disciplinas e instituições estão dispostas no quadro 1:

Quadro 1 - Disciplinas sobre animais silvestres ofertadas por instituições paraibanas até 2024

INSTITUIÇÃO	DISCIPLINA	OFERTA
UFPB	Patologia Aviária	Obrig.
	Clínica e manejo de animais silvestres em cativeiro	Opt.
UFCG	Anatomia comparada de animais silvestres	Opt.
	Medicina de animais silvestres	Opt.
IFPB	Medicina de animais silvestres	Opt.
UNINASSAU	Saúde e manejo dos animais silvestres	Obrig.
UNIPÊ	Medicina dos animais silvestres	Obrig.
FACENE	Clínica e conservação de animais silvestres	Obrig.
FIP	Não possui	-
REBOUÇAS	Clínica de pets não convencionais	Obrig.
UNIFACISA	Não possui	-
UNIESP	Clínica e manejo de animais silvestres	Obrig.

Obrig. – Obrigatória / Opt. – Optativa. **Fonte:** O autor.

O cenário mostrado acima revela que o estudante de graduação deve procurar outras opções para construir sua base teórica em Medicina de Animais Silvestres. Uma opção seria grupos de estudos, como os GEAS (Grupos de Estudos em Animais Silvestres). Outra opção estaria no acesso a cursos de extensão que pelo menos contemplem as bases da clínica de animais da fauna.

Os cursos à distância seriam uma opção viável e acessível para os alunos poderem aprender os conteúdos básicos da clínica. Tanto as universidades públicas quanto às instituições particulares podem ofertar essa modalidade de ensino através de seus Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA's). Dessa forma, os graduandos não precisariam aguardar a oportunidade de fazer uma pós-graduação para ter acesso aos conhecimentos básicos de atendimento de animais silvestres. Os

egressos saíam, portanto, mais preparados para entrar no mercado de trabalho, e teriam mais condições financeiras e maturidade de escolha para optar apenas pela clínica, ou se aperfeiçoar na cirurgia e anestesia.

4.2 CAPACITAÇÃO: AS OPORTUNIDADES DE ESTÁGIOS NO ESTADO DA PARAÍBA.

A Paraíba tem apenas dois locais que abrigam animais da fauna brasileira e ofertam estágios na área, e são conveniados a instituições de ensino: o Parque Arruda Câmara (Bica) e o Zoológico Répteis da Caatinga. Tanto a Bica quanto o Zoológico Répteis da Caatinga possuem convênio com a UFPB através de Estágio Supervisionado Obrigatório. Contudo, nenhum dos dois locais ofertam estágio em anestesia e cirurgia de animais silvestres.

No Parque Arruda Câmara o graduando em Medicina Veterinária pode aprender um pouco de clínica dos animais silvestres e selvagens e aprender conhecimentos básicos de bloqueios e sedação dos animais. Porém, boa parte do estágio está direcionado ao manejo e estudo comportamental das espécies ali residentes. Os animais que porventura necessitem passar por procedimentos cirúrgicos, são encaminhados para o Hospital Veterinário da UFPB ou uma equipe desse hospital se desloca até o Parque Arruda Câmara para realizar o procedimento cirúrgico.

O Zoológico Répteis da Caatinga não possui ambulatório para os animais que ali residem e, tal como ocorre no zoológico de João Pessoa, os animais que precisam passar por cirurgias são encaminhados ao Hospital Veterinário da UFPB.

A Paraíba possui ainda outro local com ampla possibilidade de aprendizado na área de clínica, anestesia e cirurgia de animais silvestres: o CETAS – Centro de Triagem de Animais Silvestres – localizado no município de Cabedelo, e gerenciado pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). A instituição não possui convênio com a UFPB para Estágio Supervisionado Obrigatório. Recentemente, foi firmado um acordo entre o CETAS e o Hospital Veterinário da UFPB e, tal como os animais do zoológico de João Pessoa e

os animais do zoológico Répteis da Caatinga, os animais candidatos à cirurgia e que são recebidos pelo CETAS – Cabedelo serão encaminhados para esse hospital.

O Hospital Veterinário da UFPB possui um projeto de extensão em Medicina de Animais Silvestres e Pets Não Convencionais. Segundo a página institucional do Centro de Ciências Agrárias para projetos de extensão do Departamento de Ciências Veterinárias:

Este projeto tem como objetivo atender animais silvestres e pets não convencionais oriundos do Município de Areia-PB, Região do Brejo Paraibano, Região Metropolitana de Campina Grande, Região Metropolitana de João Pessoa, como também as demandas de estados vizinhos. Será disponibilizado ao público geral e acadêmico o atendimento clínico, cirúrgico e exames diagnósticos aos animais silvestres de vida livre e aos pets-não convencionais, no Hospital Universitário Veterinário da UFPB, que contará com participação de acadêmicos graduandos e pós-graduandos, e servidores (docentes e técnicos administrativos) do curso de medicina veterinária da UFPB. Essa ação de extensão promoverá o treinamento de acadêmicos nas áreas de clínica médica, cirúrgica e de diagnóstico, com o objetivo de integrar os discentes com a comunidade assistida pelo Hospital Universitário Veterinário e difundir informações sobre bem-estar, manejo e saúde de pets não convencionais, desenvolver novos conhecimentos na medicina de animais silvestres e exóticos, desenvolver ações para a promoção da saúde e conservação das espécies silvestres nativas. (UFPB, 2023)

Apesar de propor um bom trabalho em clínica, cirurgia e anestesia de animais silvestres através desse projeto, o Hospital Veterinário da UFPB não oferta para os discentes o Estágio Supervisionado Obrigatório na área, apenas estágio extracurricular.

Os estudantes paraibanos que mantêm o foco na Medicina de Silvestres poderiam ter mais oportunidades através de Organizações Não Governamentais que atuam no estado. Duas dessas organizações possuem convênio com a UFPB e ofertam Estágio Supervisionado Obrigatório: Associação Guajiru e o InPact (Instituto de Pesquisa e Ação). Ambas são instituições voltadas à pesquisa e educação ambiental, não fornecendo atendimento clínico-cirúrgico aos animais alvos de suas ações.

Em vista de um cenário desanimador, serão apontadas algumas possíveis soluções que podem ser implantadas no Estado da Paraíba e que poderiam ajudar o discente de graduação interessado na clínica, cirurgia e anestesia de animais silvestres a ter acesso à prática.

4.2.1 Centros de reabilitação e áreas de soltura de animais silvestres: da necessidade na paraíba às oportunidades de estágio.

Em viagens exploratórias aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, na busca de informações sobre oportunidades de estágios em Medicina de Animais Silvestres, um modelo hospitalar de atendimento para esses animais chamou a atenção: os Centros de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS).

O trabalho do CRAS pode ser facilmente confundido com o trabalho realizado pelo CETAS. Contudo, são instituições que desempenham papéis distintos, embora complementares, na conservação e manejo da fauna silvestre. Enquanto o CETAS tem como principal função receber, identificar, fazer a triagem e encaminhar animais silvestres que foram resgatados, apreendidos, entregues voluntariamente ou recuperados de situações de tráfico, maus-tratos, atropelamentos, entre outros, o CRAS é responsável pela reabilitação de animais silvestres que necessitam de cuidados mais prolongados antes de poderem ser reintroduzidos em seu habitat natural.

Outra diferença pode ser destacada entre o CETAS e o CRAS: enquanto o primeiro possui gestão federal (IBAMA), o segundo pode ser administrado por Estados, Prefeituras ou até instituições particulares e Organizações Não Governamentais. Vejamos aqui alguns exemplos dos estados visitados.

A Universidade Estácio de Sá mantém um Centro de Recuperação de Animais Silvestres no bairro de Vargem Pequena, no Município do Rio de Janeiro. Segundo suas redes sociais:

O CRAS, fundado e gerido pelo M.V. e Biólogo Jeferson Rocha Pires, em funcionamento há 13 anos, vem realizando o trabalho de receptação, tratamento e reabilitação de fauna silvestre debilitada, resgatada pelos órgãos de fiscalização em diversas localidades do Estado do Rio de Janeiro, como também dos animais entregues por particulares, afim de que esses animais se recuperem e fiquem aptos para serem reintroduzidos na natureza em seu local de origem (CRASUNESA, 2024).

Nesse local, os estudantes de Medicina Veterinária da Universidade Estácio de Sá têm a oportunidade de aprender clínica, cirurgia e anestesia em animais silvestres na prática durante o curso de graduação.

O Estado do Rio de Janeiro possui outra modalidade de CRAS em convênio com o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO). Esse Centro de Reabilitação de Animais Silvestres é um projeto oriundo de uma medida compensatória “estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa Chevron, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ” que visa contribuir para a proteção da fauna silvestre marinha e costeira no Estado do Rio de Janeiro (FUNBIO, 2024). É mais um órgão que oferece oportunidades para o trabalho com animais silvestres, ofertando estágios em diversas áreas.

Um exemplo de centro de reabilitação para animais silvestres com gestão municipal pode ser encontrado na cidade de São Gonçalo, também no Estado do Rio de Janeiro. O centro possui uma Área de Soltura de Animais Silvestres (ASAS) com uma unidade hospitalar para atendimento de emergência. O local encontra-se em expansão para virar uma nova unidade de CRAS, também com parceria da Universidade Estácio de Sá.

O local funciona como um hospital de atendimento de emergência para os animais silvestres. Assim que o animal chega na ASAS, recebe os primeiros socorros, é medicado e estabilizado. Todo trabalho é feito por uma equipe especializada, com biólogo, dois veterinários e 11 estagiários de medicina veterinária, através de uma cooperação técnica da Prefeitura de São Gonçalo com a Universidade Estácio de Sá (UNESA). A unidade funciona de forma contínua, inclusive aos sábados, domingos e feriados, com todos os estagiários sendo orientados diretamente pelo veterinário plantonista. (Animais silvestres [...], 2023).

Em São Paulo, temos também um centro de atendimento a animais da fauna nos moldes de gerenciamento da UNESA: o CRAS da UNIVAP (Universidade do Vale do Paraíba), localizado na região de São José dos Campos. Esse centro de atendimento também conta com o apoio de empresas parceiras.

O CRAS (Centro de Reabilitação de Animais Silvestres), da UNIVAP, localizado no campus Urbanova, em São José dos Campos, é uma parceria entre a universidade e empresas engajadas na preservação do Meio Ambiente. Desde seu início, em 2016, o projeto cresceu e se transformou em uma referência de excelência no atendimento e reabilitação de animais silvestres.

O CRAS desempenha um papel vital na recuperação de animais silvestres feridos. Seu compromisso com a reintrodução bem-sucedida desses animais na natureza é um verdadeiro testemunho do poder da colaboração entre a academia, a indústria e os profissionais de conservação animal. O projeto conta com o suporte de professores da UNIVAP e estagiários comprometidos em oferecer cuidados e tratamento especializado para a variedade de espécies que chegam ao centro, em diferentes estados de saúde. (SARLO, 2023).

Entre as empresas parceiras do CRAS da UNIVAP estão as concessionárias CCR Rio-São Paulo, que é a responsável pela Via Dutra, e a Tamoios, responsável pela Rodovia dos Tamoios, em São Paulo. O CRAS UNIVAP treina, anualmente, os funcionários dessas empresas para atuarem no manejo e transporte dos animais encontrados - e que estão feridos ou debilitados - até o centro de reabilitação.

Os CRAS's ainda podem ser encontrados em várias localidades do país. Contudo, o Estado da Paraíba ainda não conta com nenhuma unidade, o que é um ponto extremamente negativo para a conservação da fauna local, visto que o conceito de CRAS é um excelente modelo de hospital público para os animais silvestres. Um modelo que ajuda tanto na preservação do bioma paraibano, quanto nas oportunidades de aprendizado para estudantes de Medicina Veterinária que queiram se especializar nos animais desse bioma.

Se pelo menos cada uma das instituições públicas de ensino da Paraíba tivesse uma unidade de CRAS, boa parte da fauna do estado seria beneficiada: o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *campus* Souza, seria responsável pela fauna da mesorregião do Sertão; a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* Patos, seria responsável tanto pelos animais da Mesorregião do Sertão quanto da mesorregião da Borborema; já a UFPB, *campus* Areia, seria responsável pelos animais da fauna da mesorregião do Agreste.

A Mata Paraibana teria o CETAS – Cabedelo como principal núcleo de atendimento para os animais de sua fauna. Contudo, vimos neste trabalho que o CETAS depende do atendimento do Hospital Veterinário da UFPB para a realização de cirurgias. Uma solução ideal seria a construção de um CRAS na região metropolitana de João Pessoa com gestão das universidades privadas que atuam na capital paraibana, já que João Pessoa não possui nenhuma instituição pública de ensino que oferta o Curso de Medicina Veterinária.

4.2.2 Hospitais Veterinários privados para animais silvestres: uma realidade possível?

Os veterinários de animais silvestres se deparam com um grande desafio ao pensar em um hospital privado voltado para esse nicho: quem vai pagar a conta do animal silvestre resgatado? A resposta está no mercado de Pets Não Convencionais.

O mercado de Pets Não Convencionais tem aumentado progressivamente a cada ano. Segundo o IBAMA (2019), existem 523 empreendimentos comerciais de fauna registrados no país, sendo 61.6% situados no Sudeste, 16% no Sul, 10.3% na Região Centro-Oeste, 7.1% no Nordeste e apenas 5% na Região Norte do país. Somando-se aos números dos animais da fauna criados como Pets Não Convencionais, estão os animais exóticos, que possuem um número ainda inestimável de criadores particulares, estabelecimentos e tutores/proprietários.

Esse mercado aparentemente promissor, deve ser acolhido com cautela pelo Médico Veterinário de Animais Silvestres e Pets Não Convencionais. É necessário que esse profissional tenha amplo conhecimento da legislação sobre o comércio de animais exóticos e da fauna brasileira, sendo mais um importante componente na formação básica desse profissional.

Além do conhecimento sobre a legislação brasileira (Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967)² referente ao comércio de animais, o médico veterinário deve estar atento às noções de gerenciamento, administração e atendimento da clínica ou hospital especialista em Pets Não Convencionais, outro tipo de formação básica que nem sempre é contemplado durante a graduação.

Na pesquisa exploratória, ao observar dois modelos de hospitais veterinários que atendem animais silvestres resgatados de vida livre, um ponto em comum chamou a atenção: quem sustenta financeiramente essas empresas são os atendimentos aos pets não convencionais e, até mesmo, os pets convencionais. A Birds & Cia possui três consultórios, dois deles dedicados ao atendimento de Pets Não Convencionais e um reservado para atendimento de cães e gatos. A SilvestrES, hospital veterinário de Vila Velha, Espírito Santo, atende apenas Pets Não

² O Projeto de Lei 1045/24 pretende proibir no Brasil a comercialização de animais silvestres e exóticos com a finalidade de serem criados como animais de estimação. O texto está em análise na Câmara dos Deputados.

Convencionais. Os dois hospitais possuem área destinada ao acolhimento, internação e atendimento de animais resgatados da fauna.

Portanto, o Médico Veterinário que decide empreender na área de animais silvestres deve ter em mente que, para atuar com animais da fauna, deve equilibrar o atendimento com os animais exóticos e silvestres criados como pets, além de ter muito conhecimento sobre gestão e legislação, o que torna sua formação empreendedora um pouco diferente do empreendedor veterinário de pets convencionais.

4.3. EMPREGO: EXISTE MERCADO PARA O MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES?

Em vista do exposto anteriormente, pode-se observar que há mercado promissor para a atuação do Médico Veterinário de Animais Silvestres. No quadro a seguir serão listados alguns exemplos de locais em que tais profissionais atuam.

Quadro 2 - Locais para estagiar e trabalhar com animais silvestres

Local	Instituição
Acre	Base Avançada do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais - CNPT/Acre
	Parque Nacional da Serra do Divisor
	Reserva Extrativista Chico Mendes
	Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema
	Cetas - Acre (AC)-Rio Branco
Alagoas	Reserva Biológica de Pedra Talhada
	Reserva Extrativista Marinha da Lagoa do Jequiá
	Cetas - Alagoas (AL)- Maceió
	Associação Peixe Boi
Amapá	Parque Nacional do Cabo Orange
	Cetas - Amapá (AP) - Macapá
Amazonas	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Amazônica - CEPAM
	Estação Ecológica da Terra do Meio
	Floresta Nacional de Humaitá
	Floresta Nacional de Jatuarana
	Parque Nacional dos Campos Amazônicos

	Parque Nacional do Jaú
	Reserva Extrativista Rio Unini
	Cetas - Amazonas (AM) - Manaus
Bahia	Parque Nacional Marinho dos Abrolhos
	Refúgio de Vida Silvestre do Rio dos Frades
	Reserva Extrativista de Cassurubá
	Cetas - Bahia (BA)-Salvador
	Cetas - Porto Seguro (BA)
	Projeto Tamar - Bahia
	Instituto Baleia Jubarte - Praia do Forte/BA
	Instituto Baleia Jubarte - Caravelas /BA
	Projeto Coral Vivo
	Zoológico de Salvador
	Centro de Triagem Vitória da Conquista
	Área de Proteção Ambiental da Chapada do Araripe
Ceará	Estação Ecológica de Aiuaba
	Floresta Nacional do Araripe-Apodi
	Parque Nacional de Jericoacoara
	Cetas - Ceará (CE) -Fortaleza
	Projeto Manatí - Caucaia, CE
	Projeto Periquito da Cara Suja
Distrito Federal	Hospital Veterinário da UnB
	Zoológico de Brasília
	Centro Nacional de Avaliação da Biodiversidade e de Pesquisa e Conservação do Cerrado - CBC
	Coordenação de Criação de Unidades de Conservação - área de criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN)
	Coordenação de Prevenção e Combate a Incêndios - COIN
	Coordenação Geral de Pesquisa e Monitoramento da Biodiversidade - CGPEQ/DIBIO/ICMBIO/SEDE
	Divisão de Gestão Participativa e Educação Ambiental - DGPEA
	Floresta Nacional de Brasília
	Parque Nacional de Brasília
	Reserva Biológica da Contagem
	Cetas - Distrito Federal (DF)
Espírito Santo	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Tartarugas Marinhas e Biodiversidade Marinha do Leste - TAMAR
	Cetas - Espírito Santo (ES) - Serra
Goiás	Floresta Nacional de Silvânia
	Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros
	Parque Nacional das Emas
	Reserva Extrativista Lago do Cedro
	Cetas - Goiás (GO)-Goiania
Maranhão	Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
	Cetas - Maranhão (MA)- São José de Ribamar
Mato Grosso	Parque Nacional dos Campos Amazônicos

Mato Grosso do Sul	Parque Nacional da Chapada dos Guimarães
	Centro de Triagem UFMT
	Parque Nacional da Serra da Bodoquena
	Instituto Tamanduá
	Projeto Papagaio Verdadeiro
	Projeto Arara Azul
	Projeto Tatu Canastra
Minas Gerais	Centro de Reabilitação de Campo Grande
	Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira
	Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa
	Área de Proteção Ambiental Cavernas do Peruaçu
	Parque Nacional Cavernas do Peruaçu
	Parque Nacional da Serra da Canastra
	Parque Nacional da Serra do Cipó
	Parque Nacional da Serra do Gandarela
	Parque Nacional das Sempre-Vivas
	Parque Nacional de Caparaó
	Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes Geraizeiras
	Cetas - Minas Gerais (MG)- Belo Horizonte
	Cetas - Juiz de Fora (MG)
	Cetas - Montes Claros (MG)
	Cetas - Viçosa/MG
	ONG Preserve Muriqui - Caratinga
Pará	Estação Ecológica da Terra do Meio
	Floresta Nacional do Tapajós
	Floresta Nacional de Carajás
	Floresta Nacional Saracá-Taquera
	Floresta Nacional Tapirapé-Aquiri
	Parque Nacional da Serra do Pardo
	Reserva Biológica do Rio Trombetas
	Reserva Extrativista Chocoaré-Mato Grosso
	Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo
	Reserva Extrativista Rio Iriri
	Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio
	Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho
	Reserva Extrativista Marinha de Soure
	Reserva Extrativista Renascer
	Resex Rio Xingu
	Reserva Extrativista Terra Grande-Pracuúba
	Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns
	Unidade Especial Avançada de Itaituba
	Cetas - Pará (PA)- Benevides
	Parque Zoológico Mangal das Garças
Paraíba	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres - CEMAVE
	Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo
	Reserva Biológica Guaribas
	Cetas - Paraíba (PB)- Cabedelo

	Projeto Viva o Peixe-boi marinho
Paraná	Parque das Aves (Foz do Iguaçu)
	Zoológico de Curitiba (Curitiba)
	Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná
	Parque Nacional das Araucárias
	Parque Nacional de Ilha Grande
	Parque Nacional do Iguaçu
	Parque Nacional dos Campos Gerais
	Reserva Biológica das Perobas
	Papagaios do Brasil
	Criadouro Onça Pintada
Pernambuco	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste - CEPENE
	Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais
	Área de Proteção Ambiental de Fernando de Noronha - Rocas - São Pedro e São Paulo
	Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha
	Cetas - Tangará
	Projeto Tamar - Fernando de Noronha
	Projeto Golfinho Rotador - Fernando de Noronha
Piauí	Floresta Nacional de Palmares
	Parque Nacional de Sete Cidades
	Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba
	Cetas - Piauí (PI) - Teresina
Rio de Janeiro	Bio Parque do Rio
	Área de Proteção Ambiental de Guapimirim
	Área de Proteção Ambiental de Petrópolis
	Área de Relevante Interesse Ecológico Floresta da Cicuta
	Estação Ecológica de Guanabara
	Estação Ecológica de Tamoios
	Parque Nacional da Serra da Bocaina
	Parque Nacional da Serra dos Órgãos
	Parque Nacional da Tijuca
	Parque Nacional de Itatiaia
	Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo
	Cetas - Rio de Janeiro (RJ)- Seropédica
	Aquário do Rio de Janeiro
	Centro de Primatologia do Rio de Janeiro
Rio Grande do Norte	Parque Nacional da Fuma Feia
	Cetas - Rio Grande do Norte (RN) - Natal
	Projeto Tamar - Rio Grande do Norte
Rio Grande do Sul	Floresta Nacional de Canela
	Floresta Nacional de São Francisco de Paula
	Parque Nacional da Lagoa do Peixe
	Parque Nacional da Serra Geral
	Parque Nacional de Aparados da Serra
	Refúgio de Vida Silvestre Ilha dos Lobos
	Cetas - Rio Grande do Sul (RS) - Porto Alegre
	Projeto Papagaio Charão

Rondônia	Parque Nacional dos Campos Amazônicos
	Parque Nacional Mapinguari
	Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto
Roraima	Estação Ecológica de Maracá
	Cetas - Roraima (RR) - Boa Vista
Santa Catarina	Zoo Pomerode (Pomerode)
	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul - CEPSUL
	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestre - CEMAVE
	Área de Proteção Ambiental do Anhatomirim
	Estação Ecológicas de Carijós
	Parque Nacional de São Joaquim
	Reserva Biológica Marinha do Arvoredo
	Instituto Espaço Silvestre
São Paulo	Aquário de Ubatuba (Ubatuba)
	Associação Mata Ciliar (Jundiaí)
	Associação Pró-Carnívoros (Atibaia)
	Bosque e Zoológico Fábio Barreto (Ribeirão Preto)
	CEMPAS – Centro de Medicina e Pesquisa em Animais Selvagens (Botucatu)
	Centro de Conservação de Fauna Silvestre de Ilha Solteira (Ilha Solteira)
	Argonautas (Ubatuba)
	Instituto Butantã (São Paulo)
	Jardim Zoológico Municipal de Guarulhos (Guarulhos)
	NUPECE – Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (Jaboticabal)
	Parque Ecológico Municipal “Cid de Almeida Franco” (Americana)
	Parque Zoológico Municipal de Bauru (Bauru)
	Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros (Sorocaba)
	Projeto Albatroz (Santos)
	SELVA (São Bernardo do Campo)
	Zoológico de São Paulo
	Área de Proteção Ambiental de Cananéia-Iguape-Peruíbe
	Área de Relevante Interesse Ecológico Mata de Santa Genebra
	Zooparque de Itatiba (Itatiba)
	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Aquática Continental - Cepta
	Área de Relevante Interesse Ecológico Matão de Cosmópolis
	Estação Ecológica Tupinambás
	Floresta Nacional de Capão Bonito
	Floresta Nacional de Ipanema
	Parque Nacional da Serra da Bocaina
	Refúgio de Vida Silvestre do Arquipélago de Alcatrazes

	Cetas - São Paulo (SP)- Lorena
	Projeto Tamar - São Paulo
	Aquário de Ubatuba
	Aquamundo - Guarujá
	Aquário de São Paulo
	Associação Mata Ciliar
	Instituto Manacá
	Centro de Estudos da Natureza Univap
	SAVE BRASIL
Sergipe	Reserva Biológica de Santa Isabel
	Cetas - Sergipe (SE) - Aracaju
	Projeto Tamar - Sergipe
Tocantins	Parque Nacional do Araguaia

Fonte: Antunes (2024)

4.4 SUGESTÕES PARA MELHORAR A FORMAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO DE ANIMAIS SILVESTRES DURANTE O CURSO DE GRADUAÇÃO

Para ajudar o estudante de Medicina Veterinária no aprendizado teórico-prático básico em clínica, cirurgia e anestesia de animais silvestres, é importante que as instituições de ensino planejem, organizem e executem cursos e treinamentos, tanto na modalidade presencial quanto à distância.

Aqui é importante ressaltar que, apesar do avanço do mercado de pets não convencionais, as formações devem também priorizar os animais da fauna brasileira, foco deste estudo. São os xerimbabos que mais precisam de atenção nesse momento em que se busca mais aperfeiçoamento no atendimento clínico e cirúrgico de silvestres, ou seja, os animais que estão em constante convívio no entorno das comunidades, principalmente das comunidades tradicionais.

A formação pode ser ministrada em forma de cursos de extensão, palestras ou grupos de estudo, de forma presencial ou à distância dependendo do conteúdo, e devem contemplar as seguintes áreas:

- a) Clínica por níveis taxonômicos: clínica de mamíferos (pequenos e grandes), répteis, anfíbios, aves e peixes.
- b) Manejo, ambientação e técnicas de atendimento: cada animal tem suas particularidades fisiológicas e necessitam de formas de atendimento diferenciadas, para, assim, evitar o estresse de manejo que podem levar o animal a óbito.
- c) Noções de administração e gestão: uma parte muito negligenciada na formação do Médico Veterinário é o ensino de como ele vai gerenciar os atendimentos do seu local de trabalho. Atualmente, muitas clínicas e hospitais concentram suas informações de atendimento em softwares que conseguem reunir tanto as informações sobre os pacientes como dados financeiros e estatísticos que ajudam no planejamento a médio e longo prazo das empresas.
- d) Noções de analgesia, sedação e anestesia: a área de anestesia de animais silvestres ainda é muito negligenciada, sendo em boa parte adaptada das noções de anestesia para cães e gatos, ou de grandes animais de produção. Essa área requer muitos estudos e especialização, porém, suas noções básicas deveriam ser adquiridas ainda na graduação, já que a clínica de silvestres exige muitos conhecimentos

sobre sedação e contenção, muitas vezes sendo necessário ter habilidade com dardos para aplicação de fármacos.

e) Noções de técnicas cirúrgicas: outra área que requer muita especialização e prática, porém que também pode ter seus conceitos ensinados na graduação através de cursos teórico-práticos.

f) Legislação: as Leis de número 5.197/67 e 9.605/98 devem ser de conhecimento do profissional que trabalhe com animais silvestres, bem como todas as outras legislações referentes a esses animais.

Por fim, este trabalho propõe a mobilização entre profissionais experientes na área de animais silvestres e instituições de ensino com o objetivo de contribuir para a formação do Médico Veterinário de Animais Silvestres e, conseqüentemente, ajudar cada vez mais os animais da fauna paraibana e brasileira – os xerimbabos.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho mostrou que a colonização do território brasileiro teve como consequência a morte, extinção e diminuição do número de animais que aqui viviam antes do ano 1500. O desenvolvimento da economia da recém colônia foi pautado na agricultura e pecuária, e foi a partir da demanda econômica que o currículo do Curso de Medicina Veterinária foi construído, deixando de lado os animais que constituem a fauna local.

Apesar do avanço na Medicina de Animais Silvestres, o Brasil vive um déficit na formação acadêmica do Médico Veterinário que pretende atender esses animais. No Estado da Paraíba, tal cenário não é diferente do resto do país, contudo, pode-se dizer que os graduandos que desejam trabalhar com animais silvestres, possuem ainda bem menos chances de oportunidade de estágios e de formação básica do que os estudantes de grandes centros urbanos que possuem muita oferta de cursos e estágios na área.

Para mudar esse cenário, é urgente que as instituições de ensino forneçam acessibilidade para o conhecimento prático-teórico da Medicina de Animais Silvestres, contribuindo para a conservação dos animais da nossa fauna.

REFERÊNCIAS

Animais silvestres já têm local para soltura em São Gonçalo. **A Tribuna**, Rio de Janeiro, 02 fev 2023. Disponível em: <https://www.tribunarj.com.br/materia/animais-silvestres-ja-tem-local-para-soltura-em-sao-goncalo>

ANTUNES, Dalton Araujo. **Mais de 200 locais e dicas para começar a estagiar /trabalhar com animais selvagens e meio ambiente**. Brasília: Fauna em Foco, 2024.

BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: MEC, [s.d].

BRASIL. IBAMA. **Centros de Triagem de Animais Silvestres**. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/composicao/quem-e-quem/centros/cetas>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto Nº 8.319, de 20 de Outubro de 1910**: Crêa o Ensino Agronomico e aprova o respectivo regulamento. Rio de Janeiro, 2 nov. 1910.

BRASIL. **Lei Nº 5.197, de 3 de Fevereiro de 1967**: Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências.. Brasília, 03 jan. 1967.

BRASIL. **Lei no 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998**: Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e da outras providencias.. Brasília, 12 fev. 1998.

CAPDEVILLE, Guy. O Ensino Superior Agrícola no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 72, n. 172, p. 229-232, 18 jun. 2019. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.72i172.1277>.

CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES. **O CRAS, fundado e gerido pelo M.V. e Biólogo [...]**. Rio de Janeiro, 6 de fev. de 2017. Facebook: Crasunesarj. Disponível em: <https://www.facebook.com/Crasunesarj/photos/centro-de-recupera%C3%A7%C3%A3o-de-animais-silvestre-cras-localizada-na-universidade-est%C3%A1c/416915731985495/>. Acesso em: 19 de jul. de 2024.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ERIKSON, Philippe. Animais demais... os xerimbabos no espaço doméstico *matís* (Amazonas). **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 14-32, 18 out. 2013.

FAUSTO, Carlos. **Of enemies and pets**: warfare and shamanism in Amazonia. *American Ethnologist*, 26 (4): p. 933-956, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo: Global, 2013.

FUNBIO. **CRAS Rio de Janeiro**. Disponível em: https://sitehom.funbio.org.br/programas_e_projetos/cras-rio-de-janeiro/. Acesso em: 19 jul. 2024.

IBAMA. Diagnóstico da criação comercial de Animais Silvestres no Brasil. In: **IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis**. Brasília, 2019. 56 p. Disponível em: http://C:/Users/Usuario/Desktop/TCC/Relat%C3%B3rios/IBAMA%202020%20Diagnostico_criacao_comercial_animais_silvestres.pdf. Acesso em: 05 out. 2024.

MAGALHÃES, Couto de. **O Selvagem**. Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma, 1876.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução nº 3, de 15 de agosto de 2019. **Institui As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina Veterinária e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial da União, 16 ago. 2019. Seção 1, p. 199-201.

SARLO, Marcelo. Animais silvestres em foco: o trabalho do CRAS na UNIVAP. **UNIVAP**, São José dos Campos, 06 dez. 2023. Disponível em: <https://www.univap.br/univap/graduacao/fcsac/foca/trabalho-do-cras>

VESPÚCIO, Américo. **Novo mundo**: as cartas que batizaram a américa. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

ZAMONER, Maristela. **Xerimbabo**: fauna, história e patrimônio cultural. Curitiba: Comfauna, 2018.